

# COMO CUSTEAREMOS A GUERRA ?

MARRINER S. ECCLES

(DISCURSO PRONUNCIADO A 12 DE FEVEREIRO DE 1942 PELO SR. ECCLES, PRESIDENTE DA JUNTA DE GOVERNADORES DO SISTEMA FEDERAL DE RESERVA). — IN "FEDERAL RESERVE BULLETIN" — MARÇO DE 1942

**E**STOU muito mais interessado em ganhar a guerra do que em financiá-la. O problema do financiamento da guerra seria relativamente simples se todos nós, da frente civil, compreendêssemos tão claramente como o fazem nossas forças que combatem na linha de frente que está em perigo nossa sobrevivência como nação. Então os agricultores não estariam brigando por preços mais altos, os trabalhadores por salários maiores, e os negociantes por lucros contínuos e grandes. Estaríamos desejando cortar nossas despesas civis até a medula para economizar cada dólar que pudêssemos. Aceitaríamos prontamente impostos muito mais elevados e cederíamos nossas economias ao Governo, com a compra de Títulos da Defesa. Muitos de nós ainda estão gastando toda a sua renda e até fazendo dívidas para comprar mais coisas. A guerra nunca poderá ser ganha — e muito menos a inflação ser evitada — a não ser que despertemos para as terríveis realidades da luta de vida e de morte em que estamos empenhados.

O problema de ganhar esta guerra é um problema físico e não financeiro. É uma questão de usar eficientemente nossas forças humanas, matérias primas e capacidade produtiva. Metade do esforço nacional deve ser devotado à guerra. Só o que sobrar, depois de termos feito o máximo esforço de guerra, é que deve ser destinado ao uso civil.

Para financiar a guerra sem inflação, as compras civis devem ser reduzidas afim de se ajustarem à decrescente oferta de mercadorias e serviços destinados ao consumo civil. Estamos caminhando rapidamente para uma renda nacional de cerca de 110 bilhões de dólares. Quase metade desta quantia deve destinar-se aos propósitos da guerra, deixando a outra metade para uso civil.

Estes 55 e tantos bilhões de que o governo precisa devem ser coletados do público, a título de impostos ou de empréstimos. Em outras palavras, mais de 50 bilhões de dólares civis deve ser lançado no esforço de guerra; não deve ser abandonado para estabelecer no mercado uma competição pela oferta de mercadorias civis cada vez mais escassas. Do contrário, a crescente onda da renda nacional levantaria rapidamente os preços e precipitaria uma inflação ruínosa.

Tudo isto nos obriga a fazer sacrifícios — e não apenas a falar neles. Até agora, nosso padrão de vida está no auge de todos os tempos. Deve ser drasticamente reduzido, de maneira a fazermos o supremo esforço que, só ele, nos assegurará a vitória. Chegou a hora de fazermos o supremo esforço. É agora que devemos reduzir nossas despesas individuais e não depois que a inflação se declare. Chegou a hora de o comércio e a indústria aceitarem lucros pequenos, dos trabalhadores renunciarem a aumentos de salários e dos agricultores desistirem de preços elevados. Chegou a hora de contribuímos com o máximo para o esforço comum e não de nos engalfinharmos para ver quem pode aproveitar mais.

Dos cinquenta e tantos bilhões que devem ser lançados nos cofres da guerra, no próximo ano fiscal, pretende-se arrecadar cerca de metade em impostos, e outra metade na venda de Títulos da Defesa e outros títulos do Governo.

Quanto ao *empréstimo*, deve provir das rendas normais, de indivíduos e corporações, desviando, assim, para as necessidades da guerra, fundos que de outro modo iriam contribuir para a elevação dos preços de produtos civis. Na proporção em que o público se recusar a desviar de sua renda normal uma quantia suficiente para a compra de títulos do governo, este será obrigado a

contrair empréstimos bancários. Este processo cria fundos adicionais e, uma vez que nada acrescenta à oferta de mercadorias, contribue para a inflação.

Quanto aos *impostos*, o programa atual exige, no próximo ano fiscal, um aumento de 9 bilhões de dólares em relação ao total fixado para o exercício corrente. Estes impostos não podem ser arrecadados mediante a transferência do onus para um grupo ou uma classe mas sim com a mais larga distribuição entre todos os grupos de contribuintes, exceto aqueles cujas rendas mal bastam para manter saúde e moral. Qualquer que seja nosso programa financeiro, pode fracassar devido aos pedidos de aumentos de salários, preços e lucros.

A verdade dura é que quanto mais produzimos para a guerra menos podemos produzir para as necessidades civis. Apenas uma quantidade limitada e decrescente de produtos será posta à disposição do público. Podeis conseguir aumentar os dólares de vosso envelope de pagamento mas isto não aumentará os artigos oferecidos à venda. Estamos apenas nos enganando ao trocar mais dólares pela mesma ou por menor quantidade de artigos. Este processo se denomina inflação e significa ruína final.

Quanto aos 9 bilhões de dólares de impostos adicionais que devem ser arrecadados no próximo exercício fiscal, devemos recorrer primeiro às corporações, cujos impostos, especialmente os sobre os lucros em excesso, terão que ser grandemente aumentados. Elas são as principais beneficiárias das enormes despesas do Governo. São as primeiras fontes lógicas a que devemos recorrer para recapturarmos fundos que, de outra maneira, tenderiam para incorporar-se ao fluxo de gastos. Não se pretende acabar com o espírito de lucro, mesmo em tempo de guerra. Mas, mesmo este sacrifício não seria um preço excessivo demais para preservar nossas indústrias de maneira a que — quando vier a paz — ainda tenham alguma coisa de que tirar lucros. A menos que os impostos em vigor, sobre as corporações, sejam fortemente elevados, estas terão, depois de pagar os impostos de 1942, cerca de 3 bilhões a mais do que tinham em 1939. Em oposição a isto, a guerra está pondo muitas empresas fora do mercado. Outras, prósperas na paz, mal poderão sobreviver. As que tiram grandes ou mesmo moderados lucros deveriam estar desejosas de pagar impostos substancialmente mais altos, nesta crise. Até que isto se

dê, não podemos esperar que os trabalhadores diminuam suas exigências de uma maior participação nesses lucros.

E' igualmente importante que a base do imposto individual sobre a renda seja ampliada, mediante a redução das isenções pessoais, de modo que o imposto sobre a renda chegue ao nível de subsistência. A partir deste nível, as taxas devem ser grandemente aumentadas, em toda a escala ascendente.

Torna-se necessário um imposto repressivo, de tal maneira que algumas modalidades do imposto sobre a renda possam ser coletadas na fonte e antes que os fundos se incorporem ao fluxo de gastos. A importância paga em impostos repressivos poderá ser deduzível das importâncias devidas posteriormente, em impostos sobre a renda. Devem ser corrigidas falhas notórias em nossa estrutura tributária, que tem sido usadas amplamente como meio de evitar impostos. Devemos aplicar impostos especiais de consumo sobre um crescente número de artigos, reduzindo, assim o consumo privado de matérias primas básicas.

As medidas que acabo de indicar afastarão a necessidade de um imposto geral de vendas, que atinge os bolsos dos que estão abaixo do nível de subsistência. O imposto sobre vendas fere o pobre mais gravemente que o rico, porque o pobre precisa de toda a sua renda para comprar o necessário à vida. Um imposto geral sobre vendas aumentaria imediatamente os preços e o custo de vida. Precipitaria exigências generalizadas de salários mais altos, para compensar o aumento no custo de vida. Esta é a espiral da inflação.

Os sacrifícios que o programa que tracei impõe aos contribuintes — indivíduos e corporações — não são, na realidade, sacrifício algum, se os compararmos com o que estamos pedindo a nossas forças armadas nas frentes de batalha. Estas não estão tirando lucros de seu patriotismo. Não arriscam nem dão seus dólares mas vidas. Não estão sujeitas à semana de 44 horas de trabalho. Atrás dos canhões, nas Filipinas, no alto mar e alhures não há horário nem metade de salário para horas extraordinárias. Quando nós, da frente interna, despertarmos para o fato de que combatemos por nossas próprias vidas, deixaremos de falar sobre lucros, salários e os preços que podemos tirar da guerra. Só então começaremos realmente a lutar. E apenas uma coisa vai ganhar esta guerra — a luta.